

Esmeralda Santiago – O poder das memórias na reescrita da história

Anabela Alves



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/908>

DOI: 10.4000/eces.908

ISSN: 1647-0737

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Refêrencia eletrónica

Anabela Alves, « Esmeralda Santiago – O poder das memórias na reescrita da história », *e-cadernos CES* [Online], 14 | 2011, colocado online no dia 01 dezembro 2011, consultado a 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/eces/908> ; DOI : 10.4000/eces.908



ESMERALDA SANTIAGO – O PODER DAS MEMÓRIAS NA REESCRITA DA HISTÓRIA

ANABELA ALVES

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Resumo: Um povo sem memórias é um povo sem história. Esmeralda Santiago pode considerar-se essencialmente como uma escritora de memórias. Pretende-se com este artigo analisar as obras de Santiago à luz das teorias pós-coloniais, procurando fazer incidir o foco de análise na elaboração de uma visão alternativa e na reescrita da história. A escrita permite a Santiago reconciliar-se com o passado e pensar-se a si própria como cidadã complexa e híbrida. Grande parte da sua obra, sob a forma de *memoir* e registo autobiográfico, aborda a questão da identidade porto-riquenha a partir da perspectiva e das experiências de uma mulher (i)migrante.

Os seus trabalhos ficcionais e, principalmente, a sua mais recente obra *Conquistadora*, fruto de uma longa investigação, permitir-lhe-ão cumprir a missão de narrar, ou mesmo re-inventar, o passado mais longínquo, sobre o qual tudo ficou por dizer. Esta reescrita é, de certo modo, uma forma de protesto contra os exotismos, os silenciamentos ou a inexistência da perspectiva do Outro.

Palavras-chave: Esmeralda Santiago; memórias; história; identidades; pós-colonialismo.

Um povo sem memórias é um povo sem história. E, Esmeralda Santiago pode considerar-se essencialmente como uma escritora de memórias. Latina/Hispanica, oriunda de Porto Rico, cedo rumou aos Estados Unidos na companhia da mãe à procura de uma nova vida, longe da pobreza que marcou a sua infância. Em Nova Iorque, estudou teatro e dança na Performing Arts High School e licenciou-se em Harvard, em 1976. Filha mais velha numa família de onze irmãos, Santiago sentiu a necessidade de escrever para documentar os desafios que enfrentou, para fazer sentido das suas experiências, das vivências do seu povo e, principalmente, das mulheres que, numa sociedade patriarcal como aquela a que pertence, são as mais esquecidas. Assim, a sua obra de carácter autobiográfico narra as suas experiências pessoais e é também representativa da experiência geral de toda uma comunidade deslocada de imigrantes, as

dificuldades de integração e a demanda da identidade individual. De facto, parece haver, desde as últimas décadas do século XX, uma vaga de escritoras com preocupações semelhantes, que querem intervir activamente no espaço social, construir uma história colectiva através de actos de memória e ver as suas experiências de vida validadas e legitimadas:

in the process, this wave of Latino memoirists such as Pat Mora, Sandra Cisneros, John Phillip Santos and Judith Ortiz Cofer are helping an entire generation of newly-coined Latino Americans build their collective memory and see their lives validated. And that's why, in Esmeralda's opinion, Latino writers are more popular than they had ever been.

"My generation wants to read about this experience, we want to communicate it to our kids," she says. "A lot of what I write is almost documenting my life for other kids, for the next generation." (Rojo, 2000)

"Esperava-se de quem invocava a memória que contasse histórias", escreve Rui Bebiano, em "Sobre a história como poética", e Esmeralda Santiago assim faz. A escrita permite-lhe reconciliar-se com o passado. Grande parte da sua obra, sob a forma de *memoir* e registo autobiográfico, aborda a questão da identidade porto-riquenha a partir da perspectiva e das experiências de uma mulher (i)migrante. As memórias situam-se algures entre a autobiografia e a crónica, variando, de caso para caso, o peso relativo do eu no conjunto do narrado. São, indubitavelmente, uma forma de escrita sobre si mesma, mas dão-nos também, e sobretudo, o testemunho de um tempo e de um meio, articulando o sujeito com o seu contexto histórico-cultural, acrescentando ao relato de acontecimentos pessoais e familiares o de conhecimentos históricos e políticos. A narrativa memorialística tem um fundo histórico-cultural, embora sujeito à filtragem subjectiva de quem a produz (Rocha, 1992: 38-39). Já a crónica deriva do radical grego "chrónos", tempo, e, naturalmente, designa uma forma narrativa de natureza historiográfica. Pretende registar eventos históricos e, segue por isso, uma estrutura mais rigorosa, narra os acontecimentos seguindo uma cronologia coerente e lógica sem dar grande relevo às vivências individuais, prevalece o colectivo e a objectividade. Com a evolução dos meios de comunicação, a crónica recorre, na actualidade, ao jornal ou à revista como meio de comunicação, não tendo por finalidade primordial informar o destinatário, mas comentar e reflectir sobre acontecimentos. Daqui resulta que, neste tipo de texto, pode ler-se a visão subjectiva do cronista sobre o universo narrado. Por outras palavras, como escreve Eça no jornal *Distrito de Évora*, "a crónica é como que a conversa íntima, insolente, desleixada, do jornal com os que o lêem." (Lopes, 2010: 4-8).

Insere-se na primeira categoria, a trilogia constituída por *When I Was Puerto Rican* (1993), *Almost a Woman* (1998) e *The Turkish Lover* (2004). Estes três volumes cobrem um período sequencial na vida de Esmeralda Santiago que vai desde a sua infância até à idade adulta. Continua, no entanto, a existir um hiato entre a última obra e o tempo presente, pelo que se pode cogitar sobre a hipótese de, a qualquer momento, Santiago poder preencher esta lacuna com um novo volume.

A presença de figuras masculinas na obra de Santiago é claramente minoritária, pois são as mulheres que dominam as narrativas, especialmente nas figuras da avó, da mãe e da autora/narradora. Há ainda outras figuras femininas: as que proliferam nas histórias contadas pela avó e as que surgem nas observações da autora. Todas elas, silenciosamente, lutando pela sobrevivência, se juntam para dar voz à mulher porto-riquenha, que tão raramente recebe este tipo de atenção, educada na cultura do silêncio (da invisibilidade e da inexistência), dado o seu estatuto duplamente marginalizado de ser mulher e pertencer a uma minoria étnica.

Na sua obra inaugural *When I Was Puerto Rican* (1993), Santiago descreve o ambiente rural de Macún, o *barrio* pobre onde viveu, na década de 50, com a sua família. A autora dá-nos conta de uma infância idílica, onde se goza uma liberdade completamente desconhecida para quem vive em cidades grandes. Esmeralda evoca as fragrâncias, os sabores, os sons, os rituais e cerimónias, as preocupações e as alegrias de uma família grande e, em certa medida, desregrada. Apesar da pobreza e das muitas privações, Negi, como a família carinhosamente a trata, sente-se confortável neste ambiente familiar e sabe qual o seu papel e o de cada elemento da comunidade. Porém, os constantes conflitos entre os seus pais ensombram esta felicidade, obrigando-os a uma dolorosa sucessão de separações e reconciliações, mudanças de casa – de Macún para Santurce, daí para El Mangle, de volta a Macún, e até mesmo para casa de diferentes parentes.

A mãe desempenha uma função preponderante na cultura patriarcal tradicional. É ela a transmissora das normas de comportamento adequadas, especialmente para as filhas, por serem estas que podem desonrar a família com a sua conduta moral. Representa o poder e reproduz no espaço doméstico o saber normativo ancestral da cultura porto-riquenha. Perante este cenário, a narradora assume-se como um sujeito que desafia as normas, alguém que deseja escapar a um confinamento prescrito à sua condição para entrar noutras esferas, convencionalmente restritas e percecionadas como sendo masculinas – a educação, o gosto pela aventura e a escrita. Há ainda uma outra peculiaridade que distingue Negi do resto da família. Numa conversa com a mãe, apercebe-se de que o seu verdadeiro nome não é Negi, mas sim Esmeralda. A mãe explica-lhe que, quando nasceu, a sua pele era muito escura e que, por isso, lhe

começaram a chamar "Negrita", evoluindo posteriormente para Negi. Acrescenta ainda a mãe:

- We all have our official names, and then our nicknames, which are like secrets that only the people who love us use.
- How come you don't have a nickname?
- I do. Everyone calls me Monin. That's my nickname.
- What's your real name?
- Ramona.
- Papi doesn't have a nickname.
- Yes, he does. Some people call him Pablito.

It seemed too complicated, as if each one of us were really two people, one who was loved and the official one who, I assumed, was not. (Santiago, 1993: 14)

Finalmente, a Mami, cansada do "sinvergüenza" do seu marido, das suas constantes ausências, das discussões e das infidelidades, decide separar-se dele e levar consigo os seus filhos para Brooklyn, "a place said to be as full of promise as Ponce de Leon's El Dorado" (*ibidem*: 37). Destroçada por deixar a sua terra, Negi aceita corajosamente a nova vida, apesar de jamais terem encontrado o paraíso prometido, pois

what lay around the corner was no better than what we'd left behind, that being in Brooklyn was not a new life but a continuation of the old one. That everything had changed, but nothing had changed, that whatever Mami had been looking for when she brought us to Brooklyn was not there, just as it wasn't in Puerto Rico. (*ibidem*: 247)

Esta mudança para uma cidade nova, diferente de tudo o que conhecera até então, obriga a pequena Negi a repensar-se, a ter de aprender uma nova língua, uma nova cultura e um ininteligível conjunto de novas regras e expectativas sobre um determinado padrão de comportamento feminino. Todo o seu mundo é abalado, todas as aprendizagens e todos os valores que até então adquirira são questionados, e a sua identidade posta em causa. Negi sente-se alienada e deslocada, como se não pertencesse a lugar algum. Acaba por se converter naquilo que posteriormente designará por "híbrida entre um mundo e o outro," ou seja, porto-riquenha, sim, mas simultaneamente, americana, desconstruindo assim a tradicional dicotomia: deste lado ou

do outro lado da linha¹ e, deixando entrever uma identidade mais heterogênea e fluida. Como ela própria refere: "For me, the person I was becoming when we left was erased, and another one was created. The Puerto Rican *jíbara* who longed for the green quiet of a tropical afternoon was to become a *hybrid* who would never forgive the uprooting." (Santiago, 1993: 209)

Apercebe-se, quando regressa de visita à sua querida terra, Macún, que tudo nela mudou, que já não gosta das mesmas coisas e, pior do que isso, as pessoas que um dia fizeram parte da sua vida, do seu quotidiano, já não a vêem como porto-riquenha. A escrita representa a tentativa de reencontrar a sua identidade como porto-riquenha:

When I returned to Puerto Rico after living in New York for seven years, I was told I was no longer Puerto Rican because my Spanish was rusty, my gaze too direct, my personality too assertive for a Puerto Rican woman, and I refused to eat some of the traditional foods like *morcilla* and tripe stew. I felt as Puerto Rican as when I left the island, but to those who had never left, I was contaminated by Americanisms, and therefore, had become less than Puerto Rican. Yet, in the United States, my darkness, my accented speech, my frequent lapses into the confused silence between English and Spanish identified me as foreign, non-American. In writing the book I wanted to get back to that feeling of Puertoricanness I had before I came here. Its title reflects who I was then, and asks, who am I today? (*ibidem*: 299)

Na sequência *Almost a Woman*, Santiago continua a dar vida às incongruências e desafios da sua experiência nos Estados Unidos, durante a década de 60. Agora já adolescente e com alguma fluência na língua, Negi torna-se a voz dos seus irmãos e irmãs, mas principalmente, da sua mãe. A Mami precisa desesperadamente e depende desta voz para traduzir e interpretar as necessidades da sua família enquanto procura defender a dignidade que lhes resta.

Apenas dois dias após a chegada a Nova Iorque, uma vizinha da sua idade pergunta timidamente a Negi:

"¿Tú eres hispana?" she asked, as she whirled the rope in lazy arcs.

"No, I'm Puerto Rican."

"Same thing. Puerto Rican. Hispanic. That's what we are here."

[...] Two days in New York, and I'd already become someone else. It wasn't hard to imagine that greater dangers lay ahead. (Santiago, 1998: 4-5)

¹ Referência às distinções invisíveis estabelecidas através de linhas radicais, descritas por Boaventura Sousa Santos no artigo "Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes" (2007).

A menina explica-lhe que ali todos os falantes de espanhol são considerados hispânicos. Negi pergunta-lhe, curiosa, como chamam aos filhos de hispânicos cuja língua materna é o inglês, que nasceram nos Estados Unidos e não falam espanhol. Ela responde, hesitante, que também são hispânicos já que os pais são oriundos de um país hispânico. No fim desta conversa, Negi percebe que foi classificada de forma arbitrária e antevê perigos eminentes no futuro. Rapidamente descobre que ser porto-riquenha na ilha é bem diferente de ser porto-riquenha em Nova Iorque, pois aqui implica todo um conjunto de associações e conotações negativas que vão justificar a discriminação.

Santiago relata a crise de identidade que se apodera dela. O advérbio no título da obra aponta já para um processo inacabado "almost a woman" (sublinhado meu), quase, mas ainda não inteiramente, mulher; o crescimento pessoal ainda não se consumou, e parece que esse fenómeno se estende a outras áreas da sua vida. Negi é quase mulher, tal como é quase bilingue, quase americanizada, quase já não é porto-riquenha devido a todas as novas aprendizagens na nova cultura e que a distanciam das suas raízes. Tudo lhe parece fatalmente "quase"...

It was good to learn English and to know how to act among Americans, but it was not good to behave like them. Mami made it clear that although we lived in the United States, we were to remain 100 percent Puerto Rican. The problem was that it was hard to tell where Puerto Rican ended and Americanized began. Was I Americanized if I preferred pizza to *pastelillos*? Was I Puerto Rican if my skirts covered my knees? If I cut out a picture of Paul Anka from a magazine and tacked it to the wall, was I less Puerto Rican than when I cut out pictures of Gilberto Monroig? Who could tell me? (Santiago, 1998: 25)

A integração e a adaptação a esta nova cultura envolvem um constante repensar da sua nacionalidade, da sua origem social, da sua raça e até da sua identidade enquanto mulher. A cor da pele é objecto de uma reflexão consciente. Santiago é confrontada com esta questão, quando para preencher os documentos a solicitar o subsídio de desemprego (além de descobrir que é filha ilegítima, pois a mãe nunca chegou a casar com o pai), precisa de identificar a sua raça: "White, Black, Other."

When I had to indicate my race, I always marked "Other," because neither black nor white was appropriate. [...]

I was neither black nor white; I was *trigueña*, wheat colored. I had "good" hair, and my features were neither African nor European but a combination of both. (Santiago, 1998: 56-57)

I wasn't black, I wasn't white. The racial middle in which I existed meant that people evaluated me on the spot. Their eyes flickered, their brains calibrated the level of pigmentation they'd find acceptable. Is she light enough to be white? Is she so dark as to be black? In New York I was Puerto Rican, an identity that carried with it a whole set of negative stereotypes I continually struggled to overcome. But in other places, where Puerto Ricans were in lower numbers, where I was from didn't matter. I was simply too dark to be white, too white to be black. (Santiago, 1998: 242)

No final da obra, Negi continua como começou – quase americanizada (quase porto-riquenha, pois não consegue deixar de o ser), quase independente e quase mulher. A identidade da pequena Negi está em construção e, como afirma Ellen C. Mayock, trata-se de uma identidade pessoal profundamente afectada "by her geographical past and present, by the cultural implications of that geography, by the constantly evolving mosaic of the combination of two distinctly different cultures, and, to complicate matters, by the changing 'locations' of her developing adolescent self (or selves)." (1998: 223).

Essa identidade pessoal múltipla é comum à identidade nacional porto-riquenha nos Estados Unidos, por ser igualmente múltipla, por estar em constante (re)construção e em interacção com outras culturas estrangeiras, e influenciada por novos acontecimentos históricos e políticos, ou seja, por estar continuamente em processo (Santiago-Stommes, 2004: 15). Pode dizer-se que esta fluidez ou fragmentação identitária de Negi reflecte a fragmentação ainda maior sofrida pelos povo porto-riquenho – por um lado, os que vivem na ilha, conhecida como a mais antiga colónia do mundo, porque foram sucessivamente colonizados por espanhóis e americanos, subjugados e silenciados numa tentativa de assimilação por parte dos colonizadores, vivem em território americano (com um estatuto especial) mas são cultural e linguisticamente diferentes; por outro lado os que vivem nos Estados Unidos, ameaçados pela deslocação espacial e pela experiência de racismo vivenciada como cidadãos americanos de segunda classe.

Esta obra mostra-nos as diferentes formas de adaptação a que recorrem os imigrantes, oprimidos e excluídos numa sociedade fortemente marcada pela discriminação racial, social e sexual, para se integrarem na nova cultura. Negi observa como cada indivíduo escolhe, consciente ou inconscientemente, representar a sua identidade nacional. Ora procuram preservar a cultura e as tradições do seu país de origem, ora recorrem aos serviços sociais americanos de apoio aos carenciados, ora aprendem inglês para poder sobreviver e alcançar os seus sonhos, ora são acusados de "americanizados" por terem esquecido a sua língua materna. Alternando entre a resistência à assimilação e a absorção da cultura americana, o modo de adaptação e

sobrevivência vai variando consoante as motivações e as realidades de cada um. A pequena Negi também começa por resistir, recusa, ainda na ilha, comer a comida americana que lhe querem impor, pois receia ficar "americanizada" e trair a sua cultura. Posteriormente, já nos Estados Unidos percebe que a única maneira de sobreviver neste meio hostil é aprender inglês, mesmo que isso implique ser acusada de assimilação. Assim, e pela mão da personagem principal, questionam-se implicitamente os conceitos de nação, nacionalidade e identidade nacional como conceitos monolíticos que podem definir-se e analisar-se em termos absolutos (Santiago-Stommes, 2004: 10).

No último volume, *The Turkish Lover*, a sensação de alienação continua, quando Santiago decide abandonar a familiaridade do bairro porto-riquenho, a sua querida Mami, a avó e os dez irmãos para ir viver com o seu amante turco, Ulvi Dogan. Esta personagem misteriosa e cativante surge nos capítulos finais de *Almost a Woman* e apresenta-se como o realizador do filme turco, *Susuz Yaz*, que terá vencido o Urso de Ouro no Festival Internacional de Cinema de Berlim em 1964. Este fugaz encontro entre Santiago e Ulvi marca o início de um romance apaixonante e de uma relação quase doentia.

I wanted to be with him, so I attended to his lessons. When we were out, I was to mirror his movements, so as not to embarrass myself. I was to eat if he ate, with the utensil he used, to speak less and listen more, to withhold my opinions. He made me aware of my limitations, promised to help me overcome them. "You are poor girl with small mind," he said once and repeated often. When he noticed I was offended, he explained that he meant not that I was stupid but that I was unsophisticated, because I'd been too well protected. (Santiago, 1998: 305)

Se por um lado, Esmeralda consegue finalmente libertar-se e superar a intensa luta com a sua mãe, acaba no entanto inexplicavelmente subjugada por Ulvi, um homem sofisticado e muito mais velho. Descobre desta forma que a paixão amorosa também se pode converter numa prisão. Santiago narra com detalhe a sua ligação com Ulvi e, recorrendo à perspectiva dessa relação conflituosa, explora temas como o racismo, o sexismo, o feminismo e o valor da educação, para no final desvendar uma mulher que contra todas as expectativas, consegue libertar-se e triunfar.

Santiago, ao ir viver com "el hombre que le hizo el daño," acaba por trair a sua mãe e a sua herança cultural, pois deixa de ser uma menina porto-riquenha decente:

A nena decente listened to her mother, learned to cook and keep a neat house, left the room when a man visiting her grandmother looked too much in her direction, sat

with her legs together even when she was alone minding her own business and reading a book. The person a *nena decente* had to avoid the most was *el hombre que le hizo el daño* – the man who took the virginity of a friend, neighbor, or relative without first marrying her. *El daño* – the damage – spoiled it for the rightful "owner" of her virginity, a legitimate husband in a monogamous relationship. (Santiago, 2004: 8)

Como se pode inferir pelos títulos de alguns capítulos – “That is not good, Chiquita,” “Come, Chiquita, this is your job,” “This I do not like,” “Don’t worry, you still have me,” “You have many men friends, Chiquita” – parece tratar-se de uma relação desequilibrada, dominadora e excessivamente protectora. “Don’t worry!” ou “Do not concern yourself” são as respostas frequentemente obtidas por Santiago quando tenta perscrutar o passado do seu amante turco, que parece ser simultaneamente um homem de negócios, mas com ligações misteriosas e obscuras. Apesar de Dogan, na realidade, não parecer ter sido realizador de qualquer filme (aparentemente, apenas actor e co-produtor), ele irá tornar-se no realizador da sua vida. Ele tenta moldar, definir e formar a identidade de Chiquita de acordo com as suas próprias referências culturais e preconceitos masculinos. Talvez devido ao facto de estar em conflito com a sua identidade, Santiago vai deixar-se colonizar, permitindo paulatinamente que Dogan imponha a sua disciplina, as suas regras e assuma o controlo da sua vida: “I was nothing, Ulvi had told me many times. ‘You are poor and naïve. But I like you are young and innocent. I can teach you everything.’” (*ibidem*: 23) Como se ela fosse apenas uma folha de papel em branco que ele pudesse preencher de acordo com as suas convicções.

À medida que vai abdicando da sua vontade a favor da de Dogan, Santiago torna-se uma actriz que responde automaticamente a todas as expectativas e exigências do realizador: “He controlled the money I made, how I ate, what I wore, what I said, when I said it. Was this my life? Yes, it was. Had I made a mistake? Yes, I had. What was I going to do about it? I wasn’t sure.” (*ibidem*: 60)

Ela não pode atender o telefone em circunstância alguma, não pode falar livremente em frente dos amigos dele, nem pode ter amigos além dos dele. Escolher as suas próprias roupas ou gastar o seu dinheiro a seu bel-prazer tornam-se luxos dos quais tem de abdicar. Durante as suas permanências temporárias no Texas e em Nova Iorque, Santiago não só sustenta financeiramente Dogan, trabalhando em part-time, como também se torna a sua assistente de investigação, secretária e tradutora. É graças ao seu empenho e dedicação que Dogan consegue obter diversos graus académicos. Santiago recorre a toda a sua energia, talentos e capacidades em benefício do seu amante e em detrimento de si própria. No entanto, estes incontáveis dias de trabalho e

estudo, árduos e extenuantes, acabam por ser recompensados: ajudam Santiago a reconhecer as suas capacidades e sucessos, dão-lhe a coragem e a autoconfiança necessárias para perceber e trilhar o seu próprio caminho. Começa a frequentar escolas nos locais onde fica com Dogan e acaba por se candidatar a Harvard, onde é prontamente aceite. É já no final dos estudos em Harvard que ousa dizer basta! e declarar a sua independência em relação a este homem que a sufocou ao longo de sete duros anos com uma relação neurótica e desgastante.

As obras ficcionais de Esmeralda Santiago incluem *América's Dream* (1996) e *Conquistadora* (2011). O primeiro romance ficcional, *América's Dream*, partilha alguns dos temas abordados na trilogia autobiográfica, nomeadamente a adaptação a uma nova cultura e as dificuldades inerentes a este processo. Conta a história de América González, uma mulher vítima de violência doméstica que consegue escapar a este ciclo fugindo para os Estados Unidos. Esta mulher passou tanto da sua vida a trabalhar e a lutar contra a violência do amante, significativamente chamado Correa, que se esqueceu de pensar em si própria, de procurar realizar os seus próprios sonhos.

Nesta obra, a protagonista vive com uma mãe alcoólica e uma filha adolescente. Mantém uma relação com o pai da sua filha, o mesmo homem com quem fugiu aos 14 anos e que agora se encontra casado com outra mulher. Neste romance, que viria a ser adaptado ao cinema alguns anos mais tarde, Santiago explora o complexo estado psicológico de mulheres vítimas de relações violentas, que se debatem entre o secretismo que lhes é imposto pela discriminação social e a necessidade de pedir ajuda.

Merece, no meu entender, um destaque especial a última e mais recente obra de ficção da autora, *Conquistadora*. Este é o primeiro de uma série de romances que contam a vida de cinco gerações de uma família porto-riquenha, com início no século XIX e terminando nos anos 90, do século XX, com a sua própria geração. Para Santiago, esta é uma maneira de explorar uma época remota, tentar perceber as suas origens e procurar respostas para muitas das suas questões identitárias. Esta é uma estratégia narrativa comum ao trabalho de outras autoras latinas, como Julia Alvarez com *In the Name of Salome* (2000) ou Cristina Garcia, autora de *Monkey Hunting* (2003), por exemplo. Alguns dos aspectos temáticos são também comuns, como seja, o recuo ao passado longínquo para procurar respostas, para explicar e fazer sentido do presente, ou a história de desenvolvimento do país (República Dominicana, num caso e Cuba, no outro) entrecruzada com a história das protagonistas.

Conquistadora relata a história de Ana Larragoity Cubillas, uma aristocrata espanhola, hipotética antepassada de Santiago que teria vivido no século XIX. O facto de o nome da obra aparecer em espanhol não parece ser casual; na verdade, esta língua

permite tornar claro o facto de se tratar de uma mulher, uma conquistadora, ao passo que se fosse em inglês – "Conqueror" – seria mais ambíguo.

O primeiro capítulo intitula-se "El Encuentro/The Encounter: November 19, 1493." Ao que tradicionalmente se denomina por "Descobrimientos", Santiago contrapõe esta outra designação – "Encontros". Na verdade, e de acordo com as teorias pós-coloniais, a expressão descobrimento, utilizada em relação a continentes e países, é considerada um equívoco e deve ser evitada. Só se descobre uma terra sem habitantes; se ela é ocupada por seres humanos, não importa em que estádio cultural se encontrem, já existe e não é descoberta. Apenas se estabelece o contacto/encontro com outro povo. A expressão descobrimento implica uma ideia imperialista, de alguém que proclama a existência de algo até então não conhecido, incorporando-o no seu domínio, passando a ser seu dependente (Iglésias, 1992). Também Boaventura Sousa Santos refere, num interessante artigo, significativamente intitulado: "Descobrimientos e Encobrimientos," existir

uma diferença radical entre descobrir uma coisa e descobrir um ser humano: descobrir um ser humano implica reciprocidade. Quem descobre é descoberto. Se por qualquer razão esta reciprocidade é negada ou ocultada, o acto de descobrir, sem deixar de o ser, torna-se simultaneamente um acto de encobrir. A negação ou ocultação da reciprocidade assenta sempre no poder de negar ou ocultar a humanidade de quem é descoberto. Só assim é possível descobrir sem se descobrir, pôr a nu sem se pôr a nu, identificar sem se identificar, encontrar sem se encontrar, ver sem se ver. A modernidade é uma vasta teia de reciprocidades negadas: entre o sujeito e o objecto, entre a natureza e o homem, entre o civilizado e o selvagem, entre o sagrado e o profano, entre o Individuo e o Estado, entre o patrão e o operário, entre o homem e a mulher, entre jovens e velhos. Os descobrimientos de Quinhentos são como que a metáfora fundadora da negação moderna de reciprocidade. São, pois, tão decisivos como descobrimientos quanto encobrimientos. (1993: 6-7)

Ou ainda nas palavras de Walter Mignolo, que contrapõe descoberta a invenção:

"America," then, was never a continent waiting to be discovered. Rather, "America" as we know it was an invention forged in the process of European colonial history and the consolidation and expansion of the Western view and institutions. The narratives that described the events as "discovery" were told not by the inhabitants of Anáhuac or Tawantinsuyu, but by Europeans themselves. It would be four

hundred and fifty years until a shift in the geography of knowledge would turn around what Europeans saw as "discovery" and see it as "invention". (2005: 2)

O conceito de descobrir implica, portanto, poder e domínio dos descobridores/colonizadores, por oposição aos que são descobertos e, por isso, subjugados. Silenciam-se (ou eliminam-se) e negam-se todos os vestígios de vida, de civilização e de história pré-existentes porque se considera estar perante seres atrasados, diferentes, selvagens e bárbaros. Habitualmente as "descobertas" são relatadas pelos pretensos descobridores, raramente temos acesso à perspectiva dos "descobertos." Aqui, Santiago narra este encontro, questionando essa abordagem, invertendo os pontos de vista, propondo olhar a chegada dos europeus com os olhos dos visitados e não dos visitantes:

The men who dropped from the ship were monstrous creatures with shiny carapaces on their chests, upon their heads, and around their arms and shins. They carried spears, flags, and crosses. [...]

The sailors looked at the *borinqueños* as if they'd never seen humans. They gaped at the tattooed and pierced bodies, and swept their eyes over the women with an especial hunger. (2011: 3)

Mas a verdade é que os conquistadores vinham à procura de riqueza e, por isso, a seguir ao espanto e à admiração do encontro, seguiram-se as doenças para as quais os nativos não tinham defesas, os saques, a conversão, a violência, a escravatura e o massacre.

The *borinqueños* began to die from diseases they'd never known and from infected wounds opened on their backs and arms and legs from whips they'd never experienced. They died in rebellions, their numbers easily overwhelmed by men on horses carrying sharp swords. They died from exhaustion in the mines processing the shiny nuggets into blocks. They died from terror. They threw themselves into the chasms above the highest peaks of the mountains. They drowned in the sea. [...] They fled into the mountains, where they were chased and captured by hounds. They died of humiliation after hot irons branded their foreheads. They died in such numbers that their language began to die, too, and the names of their ancestors and most of their gods were silenced from tongues. The *borinqueño* culture, traditions, and history were chronicled by the conquerors who called them savages, who misinterpreted their customs and rituals, who told them that if they didn't renounce their own gods, they would live in flames in the next life. (2011: 5)

Os relatos destas expedições contadas pelos conquistadores são ligeiramente diferentes, pois salientam-se as potencialidades de exploração da terra, a necessidade imperiosa de civilizar aqueles povos bárbaros, evocam-se terras férteis e sempre verdes, ricas em ouro, com uma flora luxuriante e uma fauna exótica e um clima constante de Primavera. São manifestas as diferenças quer de civilização, quer de costumes ou crenças, em relação ao continente europeu. E esse contraste, "combinado com outros factores e excitado por concepções doutrinárias bebidas nos livros ou na tradição oral europeia" (Dias, 1988: 65), redundou em equívocos. Assim, lido e traduzido pelo olhar do outro, o ameríndio vê a sua identidade ser elaborada a partir de eixos de representação europeus cheios de estereótipos. Os autores destes textos não são objectivos, julgam o que vêem com base na sua própria cultura e é sempre tendo como referência a cultura europeia e um paradigma eurocêntrico que os contactos se desenrolam e que os autores julgam e qualificam as práticas e os costumes dos novos povos; o contrário, porém, raramente se verifica, sendo poucos os textos que questionam a validade das práticas europeias². Cria-se, assim, todo um imaginário que fascina e influencia os viajantes que se lançam à descoberta e conquista das novas terras.

No século XVI, os conquistadores espanhóis começaram por se apoderar desses imensos territórios; mais tarde, já instalados, procuraram ali reproduzir os modelos e infra-estruturas das instalações ocidentais, criando portos, cidades, estradas e igrejas, paralelamente à imposição da sua língua, da sua religião e das leis de Castela.

No segundo capítulo, Santiago apresenta-nos alguns desses conquistadores, antepassados da protagonista, que partiram para Porto Rico em busca de aventura, glórias e riquezas.

Don Hernán's journals and letters were illustrated with landscapes, colorful birds and flowers, strangely shaped vegetables, barefoot men and women with feathers and shells in their hair. Most of the women were naked, but some wore a short apron that don Hernán labeled *nagua*. The men appeared to wear nothing at all, although it was hard to tell, since don Hernán always portrayed them in modest three-quarter profile, or from the side, or holding a stick, bow, or other prop that covered what Ana most wished to see.

Don Hernán wrote of a harsh existence punctuated by deadly raids by *caribe* warriors, by earthquakes, by fevers, by violent storms that destroyed everything in their path. But he also described gold nuggets gleaming from climbing vines,

² Refira-se apenas a título exemplificativo a obra de Bartolomé de las Casas, que, apesar de ser espanhol, procura defender a dignidade dos ameríndios e denunciar os crimes, violência e abusos cometidos pelos colonizadores.

impassable forests, and tree trunks wider than the arm span of five men standing around them finger to finger. He saw endless possibilities in that mysterious land, he wrote. Like all the conquistadores, he was there to enrich himself, but to earn his bounty he first had to tame a wilderness. (2011: 15)

Segundo as palavras da própria Esmeralda Santiago, este romance procura ir ao encontro das raízes da autora. Por não haver registos e pelo facto de ser oriunda de famílias pobres e pouco escolarizadas, ela procurou recriar, com base em indícios e investigação, o que poderiam ter sido os seus antepassados.

She knows little of her family history, composed of "landless peasants, *campesinos*, who left few written records."

But they left other clues: "My father was very dark. His ancestors probably came from Africa. My mother was very fair, with European roots, probably Catalan or Basque." (Minzesheimer, 2011)

Descendente de africanos por parte do pai (que é de compleição escura) e de europeus por parte da mãe, ela própria, portanto, o produto da miscigenação, Santiago procura desta forma colmatar as lacunas do conhecimento sobre as suas origens.

Remontando ao século XIX, este romance épico, de considerável extensão narrativa (abarca um período que vai desde 1826 até 1865, dando ainda um pequeno salto até 1493) e número de personagens, acção e enredo de complexidade apreciável, fruto de uma rigorosa investigação factual e de uma hábil reconstrução histórica, conta duas extraordinárias histórias de crescimento/desenvolvimento que se desenrolam em paralelo – a da sobrevivência de Ana Cubillas, filha de aristocratas espanhóis que se transforma na proprietária de uma plantação de açúcar, e a do próprio país, Porto Rico.

Ana María de los Ángeles Larragoity Cubillas, a filha não desejada que deveria ser rapaz para assim poder herdar a fortuna e o nome da família, converte-se numa adolescente rebelde e, posteriormente, em mulher aventureira. Educada no Convento de las Buenas Madres,³ aí conhece o seu primeiro amor, Elena, que irá apresentar-lhe os gémeos, Ramón e Inocente. Corajosa e determinada, esta mulher não hesita em trocar o conforto e a ociosidade da vida fútil dos salões da aristocracia espanhola pela aventura e

³ Mais uma das ironias de Santiago na escolha dos nomes – Convento de las Buenas Madres – um espaço onde as raparigas são amestradas e ensinadas a obedecer sem questionar, onde aprendem a ocupar o lugar que o sistema de valores tradicional de uma sociedade patriarcal lhes destina, a esfera doméstica, e a desempenhar esse papel na perfeição: obedecer aos pais e ao futuro marido, a viver na sua sombra e dependência, tornando a opressão/repressão uma obrigação religiosa e equacionando perfeição com submissão.

liberdade da plantação de açúcar em Porto Rico. Ana devora os diários do seu antepassado, don Hernán Cubillas Cienfuegos, um dos conquistadores ao serviço de Juan Ponce de León e que fez parte da sua primeira expedição em 1508. Através dessa leitura, ela sente a mão de don Hernán atravessar todos aqueles séculos para a tocar e impelir para um mundo desconhecido: "The more she read, the more Ana longed for a world beyond her balcony, far from the echoing halls of her convent school, home, and disappointed parents." (Santiago, 2011: 16-17).

Ana é uma mulher complexa e contraditória, determinada e destemida, inteligente e ambiciosa, muito à frente do seu tempo, respeitada e admirada.

Santiago's plantation mistress isn't a shrew who derives sadistic pleasure from flogging her slaves. Nor is she their ministering angel [...] Ana is something much more elusive and contradictory. She delegates the flogging, but flinches when the slaves screams. [And she] is a feminist before her time. [...] The book's strength is its Rubik's Cube portrait of Ana, an unconventional, ambitious woman whose attitudes toward children, slaves and lovers perplex and engross. [...] Ana is emotionally intelligent enough to imagine how slaves might feel, to understand their longing for freedom, yet ruthless enough to use and punish them in order to flourish herself. Neither white witch nor angel, she is convincing despite her contradictions – indeed, because of them. (Lee, 2011)

Ana é a conquistadora, não só dos corações dos dois irmãos gémeos, Ramón e Inocente, e posteriormente de Severo Fuentes, o implacável capataz da fazenda, mas também daquelas terras, a sua verdadeira e desmedida paixão.

She never asked why she'd focused all her energy and sorrow on the fate and fortunes of Hacienda los Gemelos. She only knew that from the moment she saw it, the land and everything and everyone within its borders were essential to her existence. It couldn't be questioned, challenged, or explained. It just was. (Santiago, 2011: 297)

Ao contrário dos três filhos que os seus pais perderam pouco tempo após o nascimento, ela é uma sobrevivente por excelência, desde o primeiro momento: "Ana thrived and survived beyond a few days, then three months, then six, then nine, and by her first year was wobbling and lurching from her nurse's arms to those of her maid." (10).

E assim vai continuar. Perde o marido e o cunhado, os pais, os sogros e o filho, mas Ana persiste obstinada e inabalável, resistindo à inclemência do clima, sobrevivendo a

tragédias e doenças, perigos e adversidades. Severo Fuentes, ele próprio uma autêntica fortaleza, refere-se a ela como "hard, hard, hard Ana" ou ainda "a hard heart their child would have to conquer."

Santiago dedicou longos anos de investigação e pesquisa histórica, especialmente, às culturas africanas, à escravatura e ao tráfico de escravos. Algumas das personagens mais marcantes e memoráveis desta obra são escravos: Flora, a ama pigmeia, capturada ainda criança no Congo e que canta na sua língua nativa, atenta e observadora, estuda cuidadosamente os seus amos para melhor poder sobreviver; o carpinteiro José, que faz questão de esculpir e personalizar até os caixões das vítimas do surto de cólera; Nena, a lavadeira, que no seu último suspiro murmura, desafiadora, o seu verdadeiro nome, Olívia.

Os nomes são outra questão amplamente explorada por Santiago. "The *españoles* renamed everything into their language," começando pelo nome da ilha, imediatamente alterado pelos conquistadores aquando da sua chegada:

Because the first sound from the mouths of the *borinqueños* was the word *taíno*, the men from the sea thought the people were describing themselves and renamed them for the word "peace." The men from the sea also renamed Borínquen, meaning Great Land of the Valiant and Noble Lord, as San Juan Bautista, meaning Saint John the Baptist.

[...] they changed the *borinqueño* ancestral and clan names to their own language. (Santiago, 2011: 4-5)

Também aos escravos são dados novos nomes ou alcunhas, muitas vezes em função do trabalho que desempenham, sem sobrenome, esquecendo os seus nomes africanos e definindo com clareza a autoridade e o estatuto do dono, funcionando como um registo de propriedade. "They were forbidden to speak their own languages. No matter where they came from, once in the Spanish colonies, they were baptized and given new names." (*ibidem*: 87)

Para reforçar essa autoridade e minimizar o papel dos escravos, os nomes escolhidos são diminutivos, versões familiares e infantilizadas de nomes cristãos, frequentemente seguidos da função que executam ou de alguma característica física distintiva – José, the carpenter; Teo, the houseman; Marta, the cook; Nena, la Lavandera; ou Conciencia, la Jorobá.

Vistos como sub-humanos, desprovidos da capacidade de pensar, desprovidos de saberes, expropriados do seu passado e afastados dos familiares, aos escravos não resta outra alternativa senão a submissão e o silêncio (pelo menos aparente). Como

refere Mignolo: "... lurking beneath the European story of discovery are the histories, experiences, and silenced conceptual narratives of those who were disqualified as human beings, as historical actors, and as capable of thinking and understanding." (2005: 4)

Todos estes silêncios vão resultar na exclusão de vozes, deixando lacunas na História, vazios a preencher, vidas por contar, acabando por contribuir para a reprodução de estereótipos e formas de discriminação. Certo é que a História oficial é feita de versões e interpretações, "de fragmentos manipuláveis (e remanipuláveis) em todos os momentos pelo historiador" (Bebiano, 2000: 1), construindo-se de memórias e de esquecimentos, lançando para o reino das sombras tudo o que não importa ao seu desígnio de legitimar e validar os discursos dominantes, a voz dos vencedores.

Assim, e a partir de uma série de construções, desconstruções e reconstruções, Esmeralda Santiago, ao tentar reescrever o passado, compõe uma história alternativa e leva a cabo um acto revolucionário. Formula uma narrativa a partir da perspectiva feminina, desconstruindo visões tradicionais de uma sociedade racista e sexista, reavaliando o papel das mulheres e abrindo espaço para novas significações e novas identidades. Podemos então concluir que Santiago cria um espaço de subversão, pois rompe o muro de silêncio ao fazer sair da invisibilidade o/a outro/a, e quebra padrões impostos às mulheres pertencentes a minorias étnicas pelo sistema patriarcal e pela hegemonia racial.

No caso das narrativas autobiográficas, ao escrever a sua história, saindo da posição de um ser sem voz e subalterno, Santiago assume-se como actriz e protagonista dessa história, torna-se agente da sua narrativa e contribui para o emergir de novas concepções sobre as mulheres. Já na ficção, constrói figuras ficcionais para dar voz a esses silêncios e preencher as lacunas do passado. No caso de *Conquistadora*, ironicamente, esse reclamar o passado como forma de reconstruir uma identidade histórica é, por vezes, paradoxal: a tentativa de distanciamento em relação aos Estados Unidos leva à conclusão de que não há como fugir da história colonial, seja ela americana ou espanhola – a heroína é mulher, fugiu a um destino que não queria para si, está deslocada num país estranho e sozinha mas é também espanhola, aristocrata e dominadora – mostrando, a meu ver, a aceitação da autora de toda a sua herança. Se, por um lado, aceita pacificamente o seu lado africano, com uma presença muito forte na ilha, provavelmente mais difícil de aceitar será esta pesada herança de descender da própria colonizadora, de alguém que contribuiu para a subjugação do seu povo. Sem dúvida, uma ambiguidade complexa, plena de contradições e ambivalências mas que revela a diversidade histórica, nacional, cultural e social da qual a autora é herdeira e que pretende aceitar e abraçar, da mesma forma que anseia que o seu povo seja aceite nos Estados Unidos.

ANABELA ALVES

Mestre em Estudos Americanos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e doutoranda na mesma área.

Contacto: anabelaalv@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvarez, Julia (2000), *In the Name of Salome*. Chapel Hill: Algonquin Books.
- Bebiano, Rui (2000), "Sobre a história como poética" Outubro, 2000. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Consultado a 11/11/2011, em <http://ruibebiano.net/docs/hpoetica.pdf>
- Dias, J. S. da Silva (1988), *Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*, Lisboa: Editorial Presença [3.ª ed.].
- Garcia, Cristina (2003), *Monkey Hunting*. New York: Random House.
- Iglésias, Francisco (1992), "Encontro de duas culturas: América e Europa," *Estudos Avançados*, 6(14), 23-37. Consultado a 01/09/2011, em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141992000100003>
- Lee, Felicia R. (2011), "Puerto Rico in History, Imagined and Real", *New York Times*, 25 Jul. 2011: C1.
- Lopes, Paula Cristina (2010), *A crónica (nos jornais): O que foi? O que é?*. Versão electrónica consultada a 05/04/2012, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-chronica-lopes.pdf>
- Mayock, Ellen C. (1998), "The Bicultural Construction of Self in Cisneros, Álvarez, and Santiago", *The Bilingual Review / La Revista Bilingüe*, 23(3): 223-29. Consultado a 01/09/2011, em Academic Search Premier, Ipswich, MA.
- Mignolo, Walter D. (2005), *The Idea of Latin America*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Minzesheimer, Bob (2011), "Esmeralda Santiago emancipates her feelings", *USA Today*, 07/13/2011.
- Rocha, Clara (1992), *Máscaras de Narciso: estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*. Coimbra: Almedina.
- Royo, Ana Leonor (2000), "Esmeralda Santiago and The Latino Collective Memory", *El Andar*. Consultado a 01/04/2012 em http://www.elandar.com/back/spring00/stories/story_esantiago.html
- Santiago-Stommes, Ivelisse (2004), "Procesando etiquetas: El proceso de re-construcción de la identidad personal y el cuestionamiento de la identidad nacional en *Casi una mujer* de Esmeralda Santiago", *Grafemas*, Boletim informativo da Associação Internacional de Literatura Hispânica Feminina (AILFH). Consultado a 01/09/2011, em <http://www-pub.naz.edu:9000/~hchacon6/grafemas/article10.html>.
- Santiago, Esmeralda (1993), *When I Was Puerto Rican*. New York: Vintage Books.
- Santiago, Esmeralda (1996), *América's Dream*. New York: Harper Perennial.
- Santiago, Esmeralda (1998), *Almost a Woman*. New York: Vintage Books.
- Santiago, Esmeralda (2004), *The Turkish Lover*. Cambridge: Da Capo Press.
- Santiago, Esmeralda (2011), *Conquistadora*. New York: Alfred A. Knopf.

Santos, Boaventura de Sousa (1993), "Descobrimientos e Encobrimientos", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 38, 5-10.

Santos, Boaventura de Sousa (2007), "Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, 3-46.